

AGONIZA NO BRASIL O ENSINO DO LATIM

Dulce Helena Pontes Ribeiro¹

RESUMO: Reflete-se sobre a influência do ensino de latim no curso de Letras com vista a um melhor entendimento das irregularidades da língua portuguesa, à ampliação vocabular, a maior embasamento da etimologia do léxico português e ao desenvolvimento do intelecto. Objetiva-se não só evidenciar a necessidade de se desmistificar o latim como língua morta, sublinhando a sua inserção em várias áreas do conhecimento, como também sugerir o referencial teórico ora utilizado a leitores interessados pelo tema. Comenta-se sobre a rejeição recorrente de muitos a esse estudo em razão de uma metodologia de ensino arcaica e descontextualizada. Conclui-se o quão é fundamental o ensino do latim para muitos fins: crescimento intelectual; domínio lexical; melhor entendimento das línguas neolatinas nos seus aspectos histórico, cultural, literário, humanístico e morfossemântico.

Palavras-Chave: Ensino. Português. Língua viva.

Considerações iniciais

É comum o estranhamento acerca de muitas palavras do português. Por que creme *capilar*, e não “cabelar”, *aquário*, e não “aguário”? É de conhecimento lato que o português é língua neolatina² e, por isso, o latim marca presença constante na nossa língua corrente. Interrogações como essas têm a sua explicação na etimologia da palavra, que no caso é latina.

Há necessidade do estudo do latim na atualidade? Como ignorar a língua geradora do português (e de outras tantas)? Não seria desprezar a oportunidade de entrar em contato com uma das mais significativas civilizações do mundo antigo e berço da cultura ocidental?

Tais questionamentos são discutidos neste artigo com vista a atingir os objetivos de incitar nos leitores, agentes do contexto educacional, o estudo do latim evidenciando o desenvolvimento do intelecto e a desmistificação da inutilidade dessa língua, uma vez que ela se mantém atuante amiúde no português; fornecer a quem se interesse pelo assunto um aporte teórico para melhor aprofundamento.

Para tanto, o desenvolvimento deste texto apresenta três seções. Na primeira são apresentados elementos relevantes que marcam a história do latim; na sequência, discutem-se alguns motivos causadores do repúdio do estudo do latim

¹Graduada em Letras (FAFITA). Pós-graduada lato sensu em Língua Portuguesa (FAFITA). Mestre em Educação Universidade Católica de Petrópolis. Doutora em Letras – Área de concentração: Língua Portuguesa (UERJ). Atualmente professora de Latim e Linguística no curso de Letras do Centro Universitário São José. E-mail: dulcehpontes@gmail.com.

²Em razão das conquistas romanas em contato com diferentes famílias linguísticas surgiram as línguas neolatinas (conhecidas também como românicas).

por quem já o fez e/ou ainda o fará; por fim, argumenta-se a importância desse estudo na contemporaneidade.

Autores como Napoleão Mendes de Almeida (1985), Rívia Silveira Fonseca; Thaíse Bastos Pio (s/d) e Georges Mounin (1975) foram fontes teóricas basilares para a formação desta matéria.

1 Algumas notas da história latina

Mas o que é o *latim*? Onde e quando surgiu? Quem era seu usuário? O latim é uma língua que se desenvolveu a partir do século VII a.C. na região do Lácio (*Latium*, onde foi fundada a cidade de Roma e onde nasceu a civilização latina). Era falado pelos habitantes desse lugar durante o período das grandes expansões territoriais. Foi língua oficial desde a criação de Roma até meados do século V d.C. com a queda do Império Romano do Ocidente. No início,

[...] a Itália era um amálgama das mais diferentes línguas: etrusco, grego, gaulês, osco, umbro, entre muitas outras. Ora, é costume apontar como local de origem do latim o Lácio, e salientar que de lá, com as conquistas militares de Roma, se espalhou para outras regiões da Península Itálica e, depois, para outros locais na Europa, Ásia e África (USP, 2015).

Data de 476 d.C. a derrocada do Império Romano, assinalando o fim da antiguidade e o início da Idade Média. Dentre os muitos motivos provocadores para a queda desse império, atribui-se como o mais incisivo o impasse para a administração de inúmeros e vastos territórios sob o domínio de Roma. Era impraticável defender as fronteiras de invasores, como os bárbaros, por exemplo. Mas, volta-se a pergunta: de onde vem o latim?

O Latim pertence à grande família das línguas indo-europeias. A maior parte das línguas hoje faladas na Europa e nas Américas, assim como no Irã e na Índia, apresentam uma série de analogias surpreendentes no plano lexical e gramatical que se explicam por uma origem comum, isto é, se originam de uma única e mesma língua, falada numa época muito antiga, que se chama convencionalmente o indo-europeu (UFSC, 2015, p. 1).

Granjeou, de fato, posição de Língua Universal durante a Idade Média, na época em que Roma alcançou a hegemonia social e política. Se da parte ocidental, o latim é língua veicular; da parte oriental é o grego. Aliado ao cristianismo, o latim

fundamenta a civilização ocidental. Até o século XVI as leis francesas foram escritas em latim. Mesmo no Renascimento (séculos XV-XVI), o idioma serviu de protótipo sintático e de estilo para as línguas modernas. No século XX (e talvez até hoje), as missas eram celebradas em latim; também a Zoologia e a Botânica apresentavam as suas descrições nessa língua. E hoje os nomes científicos que surgem têm a sua origem latina.

O latim já foi disciplina obrigatória nos ensinos fundamental (segundo segmento, o antigo curso ginasial), no ensino médio (curso clássico) e na educação superior (curso de Letras e de Direito). Estudava-se e ainda hoje (apenas nos cursos de Letras) estuda-se o Latim Clássico, o *sermo litterarius*, que se difere do Latim Vulgar, o *sermo vulgaris*. Enquanto o primeiro era extremamente estável, o outro inovava-se constantemente.

O Latim Vulgar foi língua comum dos diversos segmentos sociais da Itália. Ele se expandiu pela Europa, Ásia, África com a invasão dos soldados romanos e permaneceu atuante até por volta do século IX d.C. quando as línguas românicas começaram a se distinguir dele, apoderando-se de seu espaço. O Latim Clássico foi uma variedade cultivado latim, vinculada à arte literária artificial, restrita a uma elite aristocrática; predominou por um período mais curto: de 100 a.C. a 14 d.C. Ainda assim foi uma fase de importantes produções literárias, como as dos prosadores Cícero e César, por exemplo, e do poeta Virgílio, que apuraram o latim na mais alta perfeição. Na gramática do Latim Clássico havia um sistema desinencial muito rigoroso, sendo difícilimo (ou até mesmo impossível) manter um diálogo discursivo na modalidade oral – razão pela qual a língua falada por todos da região, inclusive pelos escritores, era o Latim Vulgar.

A oralidade, então, ficava por conta do Latim Vulgar, que também “[...] não conseguiu manter-se como língua falada em todo o Império” por várias razões: “a) Romanização superficial; b) Superioridade cultural dos vencidos; c) Superposição maciça de populações não-romanas” (UFSC, 2015, p. 3). Melhor explicando: os romanos não eram muito resistentes aos bárbaros que se infiltravam em seu território; não impunham sua religião aos vencidos e lhes permitia o contato entre si na língua materna ainda que se honrassem quando os presenciavam falando a língua latina. Mas aos vencidos eles impunham o direito romano.

Quanto ao ensino do Latim Clássico no Brasil, a sua difusão se deu pela igreja católica, promotora da educação e da cultura clássicas.

[...] a universidade fundada nos finais da Idade Média reimplanta o sistema educacional clássico grego e o latim assume, então, ademais do papel de língua de cultura, o de língua acadêmica e científica, permanecendo, assim, até praticamente o século XVIII e início do XIX (FURLAN, 2005, p. 2).

A partir da Revolução Industrial, entretanto, com a ascensão do capitalismo e sua pressão social, a educação, como aparelho reprodutor do Estado, muda seus rumos: de *strictu sensu* para uma vertente pragmática e utilitarista, atendendo dessa forma ao mercado de trabalho. Em vez da formação clássica, as artes mecânicas se fixaram atreladas à tecnologia. Ademais, a metodologia arcaica utilizada para o ensino do latim fazia com que muitos alunos o rejeitassem.

2 Rejeição ao estudo do latim por parte dos alunos

*No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho tinha
uma pedra No meio do caminho tinha uma
pedra*
(DRUMMOND DE ANDRADE, 1973 p. 61).

Não é apenas uma pedra no meio do caminho a entravar o aprendizado do latim. De início, pode-se dizer que, hoje, os ensinos fundamental e médio contemporâneos não constroem uma base humanística, em especial laica, que possibilite ao aluno o contato com outros valores e culturas capazes de aproximarem o aluno do latim. Isso sem contar as lacunas do ensino estrutural do próprio português.

E assim, quando o aluno toma contato com o latim nos cursos de Letras que ainda o mantêm, geralmente parte-se do zero— pelo fato, quase sempre, da carência de base da gramática normativa da língua portuguesa por parte do alunado, mesmo sendo de nível superior. Como, amiúde, tópicos da gramática latina são compreendidos pela comparação estabelecida com a língua materna, surgem as pedras no meio do caminho. Afinal, “a gramática tradicional portuguesa foi estabelecida a partir da gramática latina, e o conhecimento daquela é imprescindível para o conhecimento desta” (FURLAN; COELHO, 2009, p. 31). Se o aluno tem dificuldades no ensino da língua materna, a rejeição ao latim dispensa explicações.

Nesse sentido, não são poucos os que se sentem aliviados com a extinção dessa disciplina dos ensinos fundamental e médio.

Aliás, o ensino do latim no Brasil vem sendo cada vez mais reduzido. A LDB, em 1962 (época da pedagogia tecnicista), torna-o facultativo no ensino secundário, ficando limitado ao curso de Letras; em 1996, a LDB o facultou no ensino superior. Assim, cada vez mais, o estudante brasileiro se distancia desse ensino. Mas há quem, inflamado, se expresse deste modo:

Não encontra o pobre estudante brasileiro quem lhe prove ser o latim, dentre todas as disciplinas, a que mais favorece o desenvolvimento da inteligência. Talvez nem mesmo compreenda o significado de “desenvolver a inteligência”, tal a rudeza de sua mente, preocupada com outras coisas que não o estudo (ALMEIDA, 1985, p. 8).

Apoiado em tal perspectiva, o latim não deve ser visto apenas como um pretexto para se aprender análise sintática nem deve ser ensinado por meio de memorização. Provavelmente assim se torna um estudo sem sentido para o aluno e de difícil assimilação; a consequência é a rejeição. E, lamentavelmente, esse ensino desde sua inserção no Brasil tem sido aplicado desse modo.

Aprender uma língua pelo método da gramática e da tradução é bastante tradicional e criticado por linguistas, que concebem o aprendizado de língua mais intuitivo que racional. Porém, o latim não é uma língua que se aprende em meio a seus usuários, até porque ele não tem usuários, no sentido de discurso. A metodologia então não pode ser idêntica à de uma língua moderna, que tem um povo que a usa. Utilizar o *Reading Latin* (método através do qual se traduz antes de qualquer aporte gramatical), por exemplo, também não é uma panaceia que resolverá o problema deste ensino. Além disso,

Um outro ponto a ser visto é a própria carga horária do curso de latim que é muito pequena, adotando-se, apenas, duas aulas por semana e certa inadequação do currículo, oferecendo o curso de latim em apenas dois semestres. Essa falta de estruturação [...] obriga a aprender o latim em pouco tempo, multiplicando, assim, as deficiências ortográficas, morfo-sintáticas e léxico-semântico dos futuros profissionais de letras (LUNA NETO, 2008, p. 21).

Mediante tal circunstância associada a uma metodologia gramaticalista do ensino e de se estudar o latim como um fim em si mesmo, instaura-se a ojeriza no tocante a esse aprendizado. Parte-se de um estudo sintático que sequer na língua

portuguesa fora apreendido pelo aluno. Como então trabalhar as declinações e os casos latinos? Além do mais, não se fazem quaisquer conexões entre o latim e as línguas estrangeiras do curso em que estão inseridos (espanhol, francês, italiano, inglês...) – estratégia de elo entre as estruturas linguísticas, que aguçaria o interesse do aluno pelo latim. Afinal,

Não é para ser falado que o latim deve ser estudado. Para aguçar seu intelecto, para tornar-se mais observador, para aperfeiçoar-se no poder de concentração de espírito, para obrigar-se à atenção, para desenvolver o espírito de análise, para acostumar-se à calma e à ponderação, qualidades imprescindíveis ao homem da ciência é que o aluno estuda esse idioma (ALMEIDA, 1985, p. 9).

A metodologia do ensino do latim além do foco nas declinações e casos, que se pautam na análise sintática, não passa de uma exposição metalinguística, com vista à tradução de textos descontextualizados, sem qualquer vínculo com a civilização romana. Não se quer aqui desprezar a tradução, uma vez que é subjacente aos métodos do ensino de uma língua clássica, sem falantes. Nesse ponto, a tradução embasa a educação humanística da antiguidade romana. Entretanto, que se entenda tradução não como mera operação linguística, mas, conforme George Moulin, como “uma operação sobre fatos a um só tempo linguísticos e culturais, mas cujos pontos de partida e de chegada são sempre linguísticos” (MOUNIN, 1975, p. 215).

E para isso, um conhecimento de mundo se faz necessário, já que as fórmulas linguísticas de um sistema muitas vezes não são compatíveis com as de outra língua. Elas só se tornam expressivas vinculadas ao mundo extralinguístico ao qual estão agregadas. Isso sem contar a distância temporal entre uma língua “morta” e outra falada. O produto final do texto traduzido precisa representar significação, apreender sentidos. No caso de uma língua que não tem mais falantes como o latim, deve-se “recorrer à história como descrição etnográfica do passado e particularmente como exploração etnográfica empreendida por uma civilização sobre o seu próprio passado” (MOUNIN, 1975, p. 221). E mais:

Compreender os significantes sem compreender os significados é compreender tudo aquilo que é posto ao nosso alcance pelas relações formais que constituem o sistema linguístico de uma língua, sua estrutura: lexicológica, morfológica, sintática – o que pode ser feito sem atingir os significados. A compreensão dos significados, somada à anterior, é

acessível graças a uma outra operação: o conhecimento das relações arbitrárias, através do tempo, desta vez, dos mesmos signos com seus significados sucessivamente diferentes (MOUNIN, 1975, p. 224).

A propósito, fica complicado (senão insensato) conceber o ensino do latim abstendo-se dos exercícios de tradução. A partir destes, o professor pode intervir esclarecendo peculiaridades do latim.

Hoje, com o auxílio da linguística aplicada, o manual inglês *Reading Latin* vem apresentando certo avanço metodológico. Entretanto, precisa ser adaptado para tocar em questões gramaticais específicas do português. Ademais, a didática de aprendizagem de uma língua moderna nem sempre apresenta os mesmos resultados quando se trata de uma língua clássica, sem usuários na atualidade. Partir dos textos para se chegar à gramática – eis aí o desafio para se ensinar o latim, abstendo-se da metodologia tradicional desse ensino pautada em declinações, sintaxe e tradução (tudo isso regado de memorização).

Urge a adoção de novos métodos, sem menosprezar a literatura, a cultura e a arte romanas; com leitura de textos latinos inserida o mais cedo possível nesse ensino, contextualizando-os de modo que o aluno aprecie a cultura e a literatura latina. É preciso que sejam estabelecidos paralelos entre as gramáticas portuguesa e a latina. Mas para isso, um “milagre” precisa acontecer: conseguir efetivar essa proposta contando com apenas duas aulas semanais, em um ou dois períodos, no curso de Letras, e ainda lidar com alunos que, em sua grande maioria, apresentam grande deficiência nas competências de leitura, de estruturas gramaticais e de sintaxe no próprio português. Faltam-lhes, inclusive, competências extralinguísticas (histórico-culturais, dentre outras).

3 Importância do latim na atualidade

Para que estudar o latim hoje? O ensino do latim é um ótimo instrumento para entender as irregularidades e as exceções da gramática portuguesa, ainda assim ele é, constantemente, objeto de polêmica: estudar ou não o latim? Há os que lamentam a sua exclusão dos ensinamentos fundamental e médio. Em contrapartida, em maior número, há os que o repudiam, talvez “traumatizados” pelas dificuldades de aprendê-lo pelo método tradicional, que requeria do aluno, além de muito raciocínio,

uma memória extraordinária. Na maioria dos cursos de Letras o latim é obrigatório. De um lado, há alunos que pensam que encontrarão nesse aprendizado a solução para todos os problemas da língua portuguesa; de outro, há alunos atemorizados com este estudo. E daí muitos questionam: valorizar o ensino do latim não seria um posicionamento anacrônico? Provavelmente não. Muitos professores de português que se formam sem a base latina recorrem à decoreba de regras e listas de exceções, pois não conseguem refletir sobre a raiz de tais ocorrências que se fundamentam no latim. Com ou sem medo, a verdade é que a partir do latim compreendemos melhor muitos mistérios do nosso idioma; alargamos nossa visão de mundo, nossa cultura e nosso vocabulário.

Importa lembrar que são vinte e sete séculos (!) de uso do latim escrito; portanto, não se trata de uma língua morta. Ele deixou de ser uma língua falada (a língua do discurso). E, hoje, só se toma conhecimento dele por meio da modalidade escrita: sua literatura e historiografia, por exemplo, mas continua sendo a gênese do português e das línguas neolatinas.

Assim, o uso da expressão “língua morta” para caracterizar a língua latina e outras línguas antigas, como o grego, por exemplo, é corrente, mas não é o mais adequado. Isso porque, de fato, uma língua só “morre” se todos os seus falantes deixarem de utilizá-la totalmente, seja por vontade própria, seja pelo desaparecimento da comunidade. Além disso, o desaparecimento tem de ser completo, sem deixar vestígios, o que não aconteceu com o latim (FONSECA; PIO, s/d., p. 8).

O latim vive em várias circunstâncias: é a língua oficial da igreja católica (no Vaticano). No Direito, por exemplo, são usadas inúmeras expressões latinas: *habeas corpus*, *alibi*, *data venia*... O latim está presente no nosso cotidiano: *curriculum vitae*, renda *per capita*, pós-graduação *lato sensu*, *idem*, *a priori*, *Homo sapiens*, *in loco*, *ipsis litteris*, *persona non grata*, *sine qua non*, *sic*, *status quo*, *sui generis*, *Aedes aegypti*... O latim está vivo no vocabulário também das tecnologias, inclusive das mais modernas (fecundação *in vitro*), no vocabulário da Informática (*deletar*, do inglês *to delete*, que vem, por sua vez, do verbo *deleo* em latim, que significa “destruir”).

Na verdade, o latim se mistura à nossa língua. Nós já o conhecemos e o empregamos. Mas precisamos conhecê-lo mais a fundo. Quando dizemos que há em nossa gramática muitas irregularidades e exceções, podemos verificar pelo

estudo do latim que não se trata de irregularidades nem de exceções, mas encontramos a lógica previsível do fenômeno.

Há nos textos latinos valores bem distintos dos nossos, porém coerentes, dignos de nosso fascínio e consideração. Ao estudá-los associando-os à vida social em Roma, podemos conjecturar o que mudou e o que permanece intacto apesar de nomeado, hoje, de forma diferente. Com efeito,

[...] não só a literatura, [...] mas também vários outros domínios: espaços nacionais e políticos, estética, ética, moral, valores sociais e religiosos, sistema jurídico dos Estados, usos e costumes da vida quotidiana etc. De todos estes aspectos, Roma foi a grande difusora (FONSECA; PIO, s/d., p. 17).

Convém sublinhar que a civilização latina nos deixou ainda um legado de família muito forte; o respeito aos mais velhos era primordial na educação. Conforme pesquisa de Giordani:

[...] a educação em Roma era cuidadosamente iniciada no seio da própria família. Cícero informa-nos sobre alguns dos fins que os romanos tinham em vista na educação dos filhos: o domínio de si, a obediência a toda autoridade, a começar pela autoridade paterna e a terminar pela autoridade pública; e a *benevolentia* para com o próximo (GIORDANI, 1968, p. 166).

São, pois, inúmeras as razões pelas quais se deve estudar o latim. Outrossim, a nossa ascensão social requer de nós um vocabulário mais ampliado, aprimorado, inclusive mais preciso. Essa precisão implica conhecer, segundo Platão, “a verdade da palavra”, isto é, seu *étimo*. Por exemplo:

a) *comedere* > *comer*. No latim, *comedere* significa “comer junto com outras pessoas”.

b) *volare* > *voar*. A queda do *l* não caiu em todas as palavras daí derivadas, como em *volátil*. O álcool é um líquido *volátil*, isto é, *ele pode voar*. E pode mesmo.

c) *Laborare* > *lavar*. Do radical *labor* aparece em muitas palavras: *laboratório* “lugar em que se trabalha”, *laborioso* “trabalhoso”. A partir de *laborare*, podem-se acrescentar prefixos: co- *colaborar* “trabalhar com (alguém)”, e *elaborar* “planejar algo, trabalhando”; re- *reelaborar*: fazer novamente, trabalhando. Tornar-se-ia enfadonho se fosse necessário dizer: “tive de fazer o trabalho novamente”, o período fica mais enxuto assim: “tive de reelaborar o trabalho”.

Vale pontuar que uma das palavras mais bonitas da língua portuguesa é *companheiro*. Do latim vulgar *cum* (com) + *panis* (pão) = *campanha* (forma antiga de *companhia*) + o sufixo *eiro* = *companheiro*: aquele que divide o pão com o outro, o que senta com o outro à mesa para comer e partilhar o pão. A propósito, a palavra *pão* é muito significativa. Jesus proveu de pão as multidões famintas. Num sentido mais lato, na oração do Pai Nosso, rogamos ao Pai “o *pão* nosso de cada dia”. Também no sentido lato, a palavra *companheiro* tem o sentido de união com o outro com vista a compartilharem sentimentos (alegrias e tristezas, por exemplo) em qualquer lugar e em qualquer momento. O importante é dar-se, material ou espiritualmente, ao outro. Entretanto, sem esse conhecimento, poucos empregam a palavra com precisão.

Outro motivo, portanto, de se aprender o latim é que conhecendo a etimologia das palavras saberemos melhor usá-las, seremos bons em ortografia, sem contar que, na defesa do conhecimento da cultura da nossa história, o estudo do latim é, sem dúvida, imprescindível; também o é para o desenvolvimento do raciocínio lógico.

Raciocinar é, partindo de ideias conhecidas, diferentes, chegar a uma terceira, desconhecida, e é o latim, quando estudado com método, calma, e ponderação, o maior fator para aguçar o poder do raciocínio do estudante, tornando-lhe mais claras e mais firmes as conclusões (ALMEIDA, 1985, p. 9).

Em suma, sabendo latim, há possibilidades de melhor aprendizado de outras línguas, até mesmo do inglês e do alemão, que não são línguas neolatinas (e sim anglo-saxônicas), mas que até hoje recorrem ao latim constantemente na ampliação de seu vocabulário, em especial o relacionado às ciências. Ademais, a capacidade do raciocínio abstrato e a comunicação com outras culturas são possibilitadas por esse aprendizado. No caso do Latim Vulgar (*sermopolebius*), a sua influência está direta no português contemporâneo. Quem considera o estudo do latim desnecessário tem uma visão muito precária da nossa língua. Sem a base do latim, fazemos considerações infundadas sobre a nossa gramática.

Estuda-se o latim não para ser camareiro, intérprete, correspondente comercial, mas para conhecer, diretamente, a civilização e a história de um povo, pressuposto necessário da civilização moderna, ou seja, para sermos nós mesmos e nos conhecermos de maneira consciente (PITA, 2002, p. 3).

É óbvio que os métodos antigos de ensino do latim devem ser substituídos por uma metodologia focada na percepção etimológica das raízes do português, na prática da análise sintática (raciocínio lógico), na ampliação de vocabulário e na curiosidade para entender outros momentos históricos e o desenvolvimento das sociedades e do pensamento até os dias de hoje.

Por consequência, o aluno melhorará na ortografia, na compreensão das flexões irregulares e das exceções, no questionamento da nomenclatura tradicional. Por fim, aumentará seu repertório histórico-filosófico, o que contribuirá para o estabelecimento de suas próprias analogias e para a defesa de suas ideias com mais discernimento e precisão. Para isso, há de se realizar um ensino contextualizado vinculado ao estudo histórico-cultural já que

O objetivo é aprender a se servir de um instrumento que permite compreender textos de uma importância maior para a história de nossa civilização: por causa de sua qualidade intrínseca, e porque todos aqueles que os seguiram os imitam, os citam, os comentam e se inspiram sem cessar; é re-ver o passado, reavaliando o presente (UFSC, 2015, p. 2).

Considerações finais

“Asas de um pássaro: o latim e o português devem voar juntos [...]” (ALMEIDA, 1985, p. 9).

Diante do exposto, podemos considerar o ensino do latim anacrônico? De uma língua morta? Na prática, qual a utilidade do latim? Ele é necessário para o crescimento intelectual do aluno? Em razão do que fora explanado, constatou-se que o latim, de fato, está vivo nas línguas neolatinas (portanto, está vivo na língua portuguesa). Ainda é fonte geradora de sólida compreensão linguística, cultural, filosófica e de toda uma civilização; é o cerne de nossa identidade.

Seguindo-se essa linha de intelecção, sustenta-se a necessidade do ensino de latim em defesa de melhor inserção em nosso idioma (história interna; recursos morfossemânticos). E, ainda, por meio de seu legado literário, o latim tem fornecido consistentes fundamentos à preparação humanista. Por ser componente de sua história e formação, o português, não deve alhear-se dele, que também lhe propicia explicações pertinentes. Nesse diapasão, é possível desenvolver o espírito

acadêmico-científico do aluno de letras, associando-se o aprendizado da sintaxe do português ao linguístico-sintático da língua latina.

Insiste-se, porém, que esse ensino deve facultar ao acadêmico, não somente partes estruturais da língua, mas da mesma forma a história, a sociedade, a cultura e a literatura do povo romano, aliando-as à herança deixada aos povos de língua neolatinas, incluindo-se aí a ampliação vocabular pelo conhecimento etimológico de palavras da mesma raiz. Como se atesta, o estudo do latim configura-se como o passaporte para muitas instâncias do conhecimento.

O latim não é mais uma língua falada (*parole*, conforme Saussure), mas como *langue*, ele não morreu. Na verdade ele não é um falecido, mas tem morrido (está sendo assassinado) a cada dia o seu ensino no país.

Referências:

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática latina**. 20. ed. São Paulo: Saraiva, 1985.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973.

FONSECA, Rívia Silveira; PIO, Thaíse Bastos. **Latim**: língua morta? Quem matou?. Aula 1. In **Latim genérico**. V. 1. Rio de Janeiro: Cederj, s/d.

FURLAN, Mauri. **Quem traduzirá a literatura latina no Brasil**. Santa Catarina: II Simpósio do grupo de Pesquisa Literatura Traduzida, 2005.

_____; COELHO, Fernando. **Língua Latina I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2009.

MOUNIN, Georges. **Os problemas teóricos da tradução**. Tradução: Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, 1975.

GIORDANI, Mário Curtis. **História de Roma**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

LUNA NETO, Francisco Moreira. **A importância de estudar o latim para o aprendizado da sintaxe da língua portuguesa pelos discentes de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC-BA**. In **Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**. Rio de Janeiro: Cifefil, 2008.

PITA, Luiz Fernando Dias. **Latim e esperanto, via Internet**. Rio de Janeiro: Unigranrio/UCB, 2002.

UFSC. De língua latina Disponível em <http://latim.paginas.ufsc.br/files/2012/06/De-Lingua-Latina.pdf>. Acesso em 13/10/2015.

USP. Breve genealogia da língua latina. Disponível em <http://www.usp.br/iac/pic/Aula%202%20-latim.pdf>. Acesso em 13/10/2015.